J. R. Ward

NA SOMBRA DA PAIXÃO

Um romance da Irmandade da Adaga Negra
Volume XI

Tradução
Luís Santos

casadasletras

Capítulo 1

PRESENTE

– 'Cano, topa lá a boleia do caneco.

Jonsey mirou o idiota a seu lado na paragem de autocarro. O par estava retido na gaiola de plástico transparente há três horas. Pelo menos. Claro que aquele tipo de comentários fazia com que parecessem dias.

E fariam com que o homicídio fosse justificável.

– És um branco, sabias? – frisou Jonsey.

– Cumequié?

Certo, três anos à espera.

– Caucasiano, meu. Tipo, precisas de protetor solar no verão. Tipo, não és como eu...

– 'Tá bem, meu, olha só p'áquelas rodas...

– Tipo, tens mesmo de falar como um mano? 'Tás a armar-te em parvo, meu.

Naquele momento, só queria que a noite chegasse ao fim. Estava frio, estava a nevar, e não fazia ideia quem teria irritado para ter de ficar ali com o Vanilla Ice.

Por acaso, estava a pensar em desistir por completo daquela treta. Fazia bom dinheiro a traficar em Caldwell; havia dois meses

que saíra da prisão pelos homicídios cometidos em adolescente; garantidamente não estava interessado em andar com um cabrão branco decidido a obter estatuto nas ruas através do vocabulário.

Ah, e ainda por cima o bairro à Riquinho onde se encontravam. Para todos os efeitos, havia um recolher obrigatório às dez da noite.

Por que raios concordara com aquilo?

– Olha. Só. Aquele. Automóvel. Todo. Artilhado.

Decidido a calá-lo, Jonsey virou a cabeça e esticou-se para espreitar para fora do abrigo. Praguejou quando a neve lhe bateu nos olhos. Maldito norte do estado de Nova Iorque no inverno. O frio era tanto que nos gelava os tomates...

Ora... então olá.

No outro lado de um parque de estacionamento, à frente de uma drogaria limpinha, sem *graffiti*, aberta vinte e quatro horas, estava realmente uma boleia do caneco. O *Hummer* era completamente negro, sem quaisquer cromados à vista – nem nos pneus, nem nos vidros, nem sequer na grelha. Era grande – e a julgar pela pintura, de certeza que tinha um motor a condizer.

Era o tipo de veículo que se via nas ruas de onde ele vinha, seria o carro de um traficante da pesada. Claro que ali estavam longe do centro da cidade, pelo que deveria pertencer a um janado a armar-se em homem.

O Vanilla pegou na mochila, pondo-a ao ombro só por uma alça.

– Vou dar-lhe uma vista de olhos.

– O autocarro está a chegar não tarda nada. – Jonsey olhou para o relógio e sonhou um pouco. – Cinco minutos, talvez dez.

– Vá lá...

– Tchau, atrasado.

– 'Tás com medo, meu? – O palerma levantou as mãos e começou a armar-se em fantasmagórico. – Ai, que meeeedo...

Jonsey sacou da arma e encostou o cano ao rosto do idiota.

– Não tenho problema em dar-te um tiro nos cornos. Já o fiz e volto a fazê-lo. Agora, se não te importas, desaparece daqui e cala a matraca.

Quando Jonsey cruzou o olhar com o dele, não se importava com o resultado. Dar-lhe um tiro. Não dar. Qualquer coisa.

– Pronto, pronto, está bem. – O senhor Matraca recuou e afastou-se da paragem.

Finalmente.

Jonesy guardou a arma, cruzou os braços e olhou para o ponto de onde o autocarro surgiria – como se isso fosse ajudar.

Estúpido de merda.

Voltou a olhar para o relógio. Meu, já chegava daquela merda. Se ali passasse primeiro um autocarro para a baixa, ia meter-se nele e que se lixasse tudo.

Mudou de posição a mochila que lhe tinham dito para ir buscar e sentiu o contorno duro do frasco no seu interior. Até percebia a mochila. Se era suposto transportar produto, isso fazia sentido. Mas o frasco? Para que raios era preciso?

A menos que fosse pó solto?

O facto de ter sido escolhido para o trabalho por C-Rider, o gajo em pessoa, era bem porreiro. Isso, claro, até se encontrar com o Branquelas, altura em que a ideia perdera grande parte do seu encanto. As ordens do chefão tinham sido bem claras. Encontrar-se com o gajo na paragem da Fourth Street. Apanhar o último autocarro para os subúrbios e esperar. Mudar para a linha rural na madrugada, quando o serviço recomeçasse. Sair na paragem de Warren County. Palmilhar quilómetro e meio até à propriedade.

C-Rider ia encontrar-se lá com eles e com um monte de outros tipos para fazerem negócio. E depois disso? Jonsey faria parte de uma nova *crew* que viria a dominar a cena de Caldie.

Gostava daquela merda. E muito respeito a C-Rider – o cabrão era rijo: bem posicionado; duro.

Claro que se os outros fossem ali como o Vanilla...

O rugido de um motor fê-lo pensar que finalmente algo da Polícia de Trânsito de Caldwell tinha dado ares da sua graça, e levantou-se...

– Não posso, porra – murmurou.

O *Hummer* negro parara mesmo à frente da paragem de autocarro e quando o vidro desceu, viu o Branquela ao volante, com Cypress Hill aos berros nas colunas.

– Entra! Vá lá! Entra!

– Que porra é que fizeste, meu? – gaguejou Jonsey, enquanto contornava o *SUV* e saltava para o lugar do passageiro.

Mas que grande *merda* – o cabrão não podia ser tolo de todo para fazer uma coisa daquelas.

O tipo acelerou, o motor rugiu e os espigões dos pneus agarraram a neve compactada e lançaram-nos em frente a oitenta quilómetros por hora.

Jonsey agarrou-se ao que pôde ao passarem o semáforo vermelho de um cruzamento e galgarem o passeio para atravessar o parque de estacionamento de um supermercado Hannaford. Ao saírem no outro extremo, a música abafava os avisos sonoros que se faziam ouvir por ninguém ter posto o cinto de segurança.

Jonsey ostentou um sorriso rasgado.

– Assim é que é, meu cabrão! Puta doida, seu floco de neve do caralho...!

– Acho que aquilo é o Justin Bieber.

À frente de uma parada de batatas fritas *Lay's*, Qhuinn olhou para a coluna embutida no teto.

– Pois é. Tenho razão e detesto saber isso.

A seu lado, John Matthew gesticulou, *Como é que sabes?*

– O merdinhas está por todo o lado. – Para se justificar, apontou para o expositor de cartões.

– A sério, o puto é a prova de que o Anticristo está a caminho.

Talvez já esteja entre nós.

– Isso explicava a Miley Cyrus.

Bem visto.

Enquanto John voltava a dedicar-se à contemplação dos seus aperitivos de eleição, Qhuinn confirmou a loja. Eram quatro da

manhã e o estabelecimento estava completamente atestado e absolutamente vazio – salvo por eles dois e pelo tipo ao balcão, que lia o *National Enquirer* e comia um *Snickers*.

Nada de *minguantes*. Nada de Bando de Bastardos.

Nada contra o qual disparar.

A menos que os cartões com o Bieber contassem.

O que vais comer? gesticulou John.

Qhuinn encolheu os ombros e continuou a olhar à volta. Enquanto *ahstrux nohtrum* de John era responsável pelo seu regresso são e salvo todas as noites à mansão da Irmandade; depois de mais de um ano, até agora, tudo bem...

Que saudades de Blay.

Abanou a cabeça e levou a mão à frente. Quando o braço voltou à posição original, trazia na mão um pacote de natas e cebola.

Ao olhar para o logótipo da *Lay's* e para o grande plano da batata frita solitária, só conseguia pensar em como ele John e Blay costumavam passar o tempo na casa dos pais de Blay, a jogar Xbox, a beber cerveja, a sonhar com uma vida pós-transmutação maior e melhor.

Infelizmente, maior e melhor só a dimensão e a força dos seus corpos. Embora talvez isso fosse apenas o seu ponto de vista. Afinal de contas, John acasalara e era feliz. E Blay estava com...

Porra, nem sequer em pensamentos era capaz de dizer o nome do primo.

– Estás bem, J? – perguntou, num tom rouco.

John Matthew pegou num pacote de *Doritos* clássicos e anuiu. *Vamos buscar bebidas.*

Avançaram mais para o centro da loja e Qhuinn desejou que estivessem na baixa, a combater nos becos, a enfrentar algum dos seus dois inimigos. Aquelas missões suburbanas tinham demasiado tempo morto, e isso levava a que pensasse muito em...

Voltou a interromper-se.

Enfim. Além do mais, detestava ter grandes contactos com a *glymera* – um sentimento mútuo. Infelizmente, os membros da

aristocracia iam regressando a Caldwell, o que significava que Wrath fora soterrado com telefonemas sobre supostos avistamentos de matadores.

Como se os mortos-vivos do Ómega não tivessem nada melhor para fazer do que rondar pomares despidos e piscinas congeladas.

Não obstante, o Rei não se podia dar ao luxo de mandar aqueles dândis comer um balde. Pelo menos desde que Xcor e o seu Bando de Bastardos lhe tinham enfiado uma bala no pescoço real.

Traidores. Cabrões. Com um pouco de sorte, Vishous ia provar de onde tinha vindo aquele tiro de espingarda, e então poderiam esventrar os soldados, espetar-lhes as cabeças em estacas e deitar fogo aos cadáveres.

Além de descobrirem quem, no conselho, estava de conluio com o novo inimigo.

Pois, agora andavam armados em seguranças privados – por isso, uma noite por semana, cada uma das equipas acabava ali no bairro onde ele crescera, a bater às portas e a espreitar debaixo das camas.

Em casas que mais pareciam museus que o arrepiavam mais do que qualquer beco escuro da baixa.

Virou a cabeça quando sentiu que lhe batiam no braço.

– O que foi?

Ia perguntar-te o mesmo.

– O quê?

Paraste aqui. E ficaste a olhar para... tu sabes.

Qhuinn franziu o cenho e olhou para os produtos expostos. E depois perdeu a linha de raciocínio – que desapareceu a par da maior parte do sangue que tinha na cabeça.

– Ah, pois... ah… – Porra, será que tinham subido o termostato? – Mmm.

Biberões. Fórmula. Babetes, toalhetes e cotonetes. Chuchas. Um aparelho qualquer...

Cristo, uma bomba de leite.

Qhuinn deu meia-volta tão depressa que ficou cara a cara com uma pilha de dois metros de *Dodots*, mergulhou no mundo da *NUK*

e acabou por saltar do espaço infantil graças a um ressalto na *Halibut*. Fosse lá o que isso fosse.

Bebé. Bebé. Bebé...

Ah, boa. Conseguira chegar à caixa. Qhuinn enfiou a mão no bolso do blusão, tirou a carteira e pediu as compras de John, atrás dele.

– Dá-me as tuas coisas.

Quando John começou a argumentar, articulando palavras com a boca, pois tinha as mãos ocupadas, Qhuinn agarrou na água e nos *Doritos* que lhe atrapalhavam a comunicação.

– Ora aí está. Enquanto o tipo faz a conta, podes gritar comigo como deve ser.

E vejam só, as mãos de John apressaram-se a compor uma série de eu-trato-disto em linguagem gestual.

– Ele é surdo? – perguntou o homem ao balcão num sussurro alto. Como se alguém que usasse linguagem gestual fosse uma aberração da natureza.

– Não. É cego.

– Ah.

O homem continuou a fitá-los e Qhuinn ficou com vontade de o despachar.

– Vai tratar da conta, ou não?

– Oh... sim. Olha, tens uma tatuagem na cara. – O senhor Observador movia-se com lentidão, como se os códigos de barras nos produtos criassem resistência ao ar por baixo do *scanner*. – Sabias disso?

A sério?

– Não fazia ideia.

– Também és cego?

Aquele não tinha parafusos nenhuns.

– Pois é, também sou.

– Ah, por isso é que tens os olhos esquisitos.

– Pois. É por isso.

Qhuinn entregou uma nota de vinte e não esperou pelo troco – o homicídio estava a tornar-se uma opção um bocadiiiinho tentadora

de mais. Com um sinal de cabeça a John, que também estava a tirar as medidas ao indivíduo, Qhuinn fez menção de se afastar.

– Então e o troco? – chamou o homem.

– Também sou surdo. Não te ouço.

O tipo gritou ainda mais alto.

– Então fico com ele, está bem?

– Parece-me bem – respondeu Qhuinn, sem se virar.

O idiota era um atrasado mental encartado.

Enquanto passava pela porta de segurança, Qhuinn decidiu que era um milagre que humanos assim conseguissem sobreviver aos seus dias. E o cabrão, ainda por cima, tinha conseguido vestir as calças e trabalhava com a caixa registradora.

Não havia fim para os milagres.

Ao sair, o frio agrediu-o, com o vento a percorrer-lhe o cabelo e os flocos de neve a entrarem-lhe pelo nariz...

Qhuinn estacou.

Olhou para um lado. Olhou para o outro.

– Mas o que é que... onde é que está o meu *Hummer*?

Viu pelo canto do olho que as mãos de John começavam a mexer-se rapidamente, como se ele se interrogasse quanto ao mesmo. Depois apontou para a neve acabada de cair... e as marcas fundas de quatro pneus largos que descreviam um círculo grande a caminho do exterior do parque de estacionamento.

– Que merda! – resmungou Qhuinn.

E pensava ele que o estúpido era o senhor Observador?

Capítulo 2

Na mansão da Irmandade, Blaylock estava sentado na beira da cama, o corpo nu afogueado, uma película de suor a cobrir-lhe o peito e os ombros. O membro estava murcho entre as pernas e tinhas as ancas doridas devido à ação realizada. No outro extremo do espectro, o fôlego estava exaurido, com a carne a precisar de um pouco mais de oxigénio do que aquele que os pulmões conseguiam fornecer.

Como gesto natural, pegou no maço de *Dunhill* vermelho que tinha na mesa-de-cabeceira.

O som do amante a tomar duche na casa de banho, a par do aroma do sabonete, eram de uma familiaridade profunda.

Já passara quase um ano?

Tirou um cigarro e pegou no isqueiro *vintage Van Cleef & Arpels* que Sax lhe oferecera como presente de aniversário. Era de ouro e tinha embutidos os rubis Mystery Set que eram a marca da empresa; um objeto adorável da década de 1940 que era sempre uma maravilha para os olhos – e que nunca falhava.

O chuveiro parou quando acendeu o isqueiro.

Blay inclinou-se sobre a chama, inalou e voltou a fechar a tampa. Como sempre, permaneceu no cigarro um leve travo de gasolina do isqueiro, com o doce a misturar-se no fumo que soprou...

Qhuinn detestava tabaco.

Nunca o aprovara.

Algo que, tendo em conta as inúmeras coisas repugnantes que ele fazia habitualmente, parecia absolutamente ofensivo.

Sexo com inúmeros estranhos em casas de banho de discotecas? Trios com machos e fêmeas? *Piercings*? Tatuagens em vários sítios?

E não «aprovava» o tabaco. Como se fosse um vício nojento que ninguém, no seu perfeito juízo, devia ter.

Na casa de banho, o secador que ele e Sax partilhavam continuou a funcionar, e Blay imaginou o cabelo louro, que ainda há pouco agarrara e puxara com força, a voar com a brisa artificial, a refletir a luz, a cintilar com as madeixas naturais.

Saxton era belo, de pele lisa, corpo esculpido e um gosto perfeito.

Cristo, as roupas que tinha no armário. Espantosas. Era como se o Grande Gatsby tivesse saltado das páginas do romance, passado pela Quinta Avenida e comprado quarteirões inteiros de alta-costura.

Qhuinn nunca fora assim. Vestia *T-shirts Hanes* e calças camufladas ou de cabedal, e continuava a usar o mesmo blusão de cabedal que arranjara pouco depois da transição. Para ele, não existiam *Ferragamos* nem *Ballys*; só botas *New Rocks* com solas do tamanho de pneus de camião. O cabelo? Penteado, com sorte. Colónia? Pólvora e orgasmos.

Que raios, desde que Blay o conhecia – praticamente desde que tinha nascido, nunca vira Qhuinn de fato.

Ficava na dúvida se ele teria noção de que os *smokings* podiam ser comprados e não apenas alugados.

Se Saxton era o exemplo perfeito de um aristocrata, Qhuinn era o marginal assumido...

– Toma. Bate a cinza para aqui.

Blay levantou a cabeça de repente. Saxton estava nu, penteado na perfeição e perfumado com *Cool Water* – e oferecia o pesado cinzeiro *Baccarat* que comprara como presente do solstício de verão. Também era da década de quarenta e pesava tanto como uma bola de *bowling*.

Blay obedeceu, aceitando a peça e equilibrando-a na palma da mão.

– Vais trabalhar?

Como se isso não fosse óbvio.

– Com efeito.

Saxton virou-se e ofereceu o panorama de um traseiro espetacular quando se dirigiu ao roupeiro. Para todos os efeitos, ele deveria estar a morar na porta ao lado, num dos quartos de hóspedes vazios, mas com o tempo, as roupas dele tinham migrado para ali.

Não se importava com o fumo. Chegava mesmo a partilhar um cigarro de vez em quando, especialmente depois de uma... troca tão enérgica, por assim dizer.

– Como vai? – perguntou Blay, ao exalar fumo. – A tua missão secreta, quero eu dizer.

– Até vai bem. Estou quase a acabar.

– Isso quer dizer que finalmente me vais contar do que se trata?

– Em breve ficas a saber.

Ouviu-se o ruge-ruge de uma camisa no vestiário e Blay virou o cigarro, ficando a observar a ponta incandescente. Saxton andava a trabalhar numa missão ultrassecreta para o Rei e não tinha havido conversas sobre o assunto – provavelmente, um dos muitos motivos para que Wrath tivesse feito daquele macho o seu advogado privado. Saxton era discreto como uma caixa-forte.

Qhuinn, por outro lado, nunca fora capaz de guardar um segredo. Desde festas-surpresa a mexericos e pormenores pessoais embaraçosos, como terem ido para a cama juntos com uma puta barata no...

– Blay?

– Desculpa, o quê?

Saxton apareceu, envergando um fato *Ralph Lauren* de *tweed* de três peças.

– Disse que nos encontramos na Última Refeição.

– Ah! Já é assim tão tarde?

– Sim. É sim.

Deviam ter passado o dia na cama desde a primeira refeição do dia – era o que acontecia desde...

Cristo. Nem era capaz de pensar no que acontecera há uma semana. Não era capaz de articular mentalmente o que sentia por aquilo que nunca imaginara ter acontecido – mesmo à frente dos olhos dele.

E pensava que ser rejeitado por Qhuinn era mau?

Vê-lo a ter uma cria com uma fêmea...

Bolas, tinha de responder ao amante, não era?

– Sim, claro. Encontramo-nos lá.

Seguiu-se uma hesitação, após o que Saxton se aproximou e pressionou os lábios de Blay num beijo.

– Hoje estás de folga?

Blay assentiu, afastando o cigarro para não queimar as belas roupas do macho.

– Ia ler a *New Yorker* e depois talvez começar o *From the Terrace*.

Saxton sorriu, obviamente a meditar no prazer providenciado por ambos.

– Como te invejo. Quando acabar este trabalho, vou tirar umas noites de folga para descontrair.

– Talvez pudéssemos ir a algum lado.

– Talvez pudéssemos.

A expressão tensa naquele rosto adorável foi breve e efémera, pois Saxton sabia que não iriam a lado nenhum.

Não teriam no futuro uma estadia com pensão completa numa estância das Bahamas.

– Fica bem – desejou Saxton, afagando a face de Blay com os nós dos dedos.

Blay respondeu à carícia.

– Tu também.

Momentos depois, a porta abriu-se e fechou-se... e ele ficou sozinho. Sentado na cama revolta, no silêncio que o parecia esmagar em todas as direções, Blay fumou o cigarro até ao filtro, apagou-o no cinzeiro e acendeu outro.

Fechou os olhos e tentou recordar o som dos gemidos de Saxton ou a visão das costas do macho a arquearem-se e a sensação da pele a roçar na pele.

Não foi capaz.

E essa era a raiz do problema, não era?

– Deixa lá ver se percebi – comentou V ao telemóvel. – Perdeste o teu *Hummer*.

Qhuinn só queria enfiar a cabeça numa montra.

– Pois foi. Pois perdi. Portanto, se pudesses...

– Como é que se perdem quatro toneladas de carro?

– Isso não importa...

– Bem, se queres que aceda ao GPS e te diga onde encontrar o veículo... Foi por isso que telefonaste, certo? Ou então julgas que fazer uma confissão sem entrar em pormenores é bom para a alma, ou assim.

Qhuinn apertou o telemóvel com força.

– Deixeiaschavesnaignição.

– Desculpa? Não percebi.

Tretas.

– Deixei as chaves na ignição.

– Isso foi um bocado parvo, jovem.

Não. Me. Digas.

– Portanto, se me puderes ajudar...

– Acabei de te enviar o *link* por *mail*. Já agora... quando recuperares o veículo…

– Sim?

– Verifica se os ladrões se deram ao trabalho de puxar o banco à frente... estás a ver a ideia, saber se se puseram confortáveis, e assim. Duvido que tivessem pressa, ainda por cima com as chaves e tudo. – Ouvir Vishous a troçar do sucedido era como estar a levar uma pancada nos tomates com um para-choques. – Olha, tenho de desligar. Preciso das duas mãos para me agarrar à barriga enquanto me rio de ti. Até logo.

Quando a chamada foi desligada, Qhuinn aproveitou um momento para reprimir o desejo de atirar o telemóvel para longe.

Pois – perder também o aparelho seria uma ideia de génio para melhorar a situação.

Acedeu à conta do Hotmail e, enquanto se interrogava quanto tempo demoraria até que a piada passasse, encontrou o paradeiro do carro.

– Dirige-se para oeste. – Inclinou o telefone para que John visse. – Vamos embora.

Ao desmaterializar-se, Qhuinn teve a vaga noção de que a sua fúria era desproporcionada em relação ao problema entre mãos: quando as moléculas se espalharam, ele era um rastilho aceso à espera de chegar a dinamite – e não tinha apenas que ver com o facto de ser parvo, com o carro desaparecido ou por se ter armado em idiota à frente de um dos machos que mais respeitava na Irmandade.

Havia tanto mais.

Ganhou forma numa estrada rural e confirmou outra vez o telemóvel, enquanto aguardava por John. Quando o macho apareceu, Qhuinn ajustou as coordenadas e seguiram mais para oeste, aproximando-se... até que se materializou na faixa de asfalto coberta de gelo que o *Hummer* percorria.

Cerca de uma centena de metros à frente do veículo.

O cabrão ao volante seguia a cem à hora na neve, a caminho de uma curva. Mas que grande...

Bem, chamar a isso estupidez era exatamente aquilo em que a noite se transformara.

Deixa-me dar um tiro nos pneus, gesticulou John, como se soubesse que uma arma na mão de Qhuinn talvez não fosse a melhor das ideias.

No entanto, antes que o macho pudesse sacar da pistola, Qhuinn desmaterializou-se... e apareceu em cima do capô do *SUV*.

Foi bater de cabeça no para-brisas, ficando com o traseiro exposto ao vento que o transformava num inseto naquela vasta expansão de vidro. Depois começou a festa. Graças ao brilho do

tabliê, viu o espanto na expressão dos dois indivíduos à frente... e depois, aquela ideia brilhante transformou-se na parvoíce número dois do serão.

Em vez de travar, o condutor guinou o volante, como se pudesse evitar o que já tinha aterrado no capô do *Hummer*. A torção libertou Qhuinn, que rodopiou no ar para se manter de olho no carro.

Afinal, foi ele quem teve mais sorte.

Como os *Hummers* eram desenhados e construídos para tudo menos aerodinâmica e facilidade de travagem, as leis da física resolveram agarrar naquele bloco quadrado de metal e fazê-lo rebolar. No processo, e apesar da cobertura de neve, o metal foi de encontro ao asfalto, e um guincho agudo fez-se ouvir na noite...

O estrondo do impacto do *SUV* contra um objeto sólido do tamanho de uma casa interrompeu o gemido. No entanto, Qhuinn não prestou grande atenção ao acidente, pois também ele aterrou, batendo com o ombro e a anca na estrada e deslizando pelo alcatrão gelado...

CRACK!

O movimento foi também interrompido de repente, com qualquer coisa dura a bater-lhe na cabeça...

Teve início um espetáculo de luzes assombroso, como se alguém tivesse lançado fogo-de-artifício à frente dos seus olhos. Foi então altura de imitar o Piu-Piu, com estrelinhas a dançar-lhe no campo de visão e a dor a começar a dar sinal de vida em várias partes do corpo.

Apoiou-se ao que tinha mais perto de si – não sabia se seria o chão, uma árvore ou o gorducho do Pai Natal – e virou-se de costas. Quando se deixou cair, o frio chegou-lhe à cabeça e ajudou a entorpecer as coisas.

Fazia tenção de se levantar. Confirmar o *Hummer*. Dar um enxerto de porrada a quem se aproveitou do seu momento de «loura». Claro que isso era apenas o cérebro na brincadeira. O corpo assumira o controlo total e não pretendia ir a lado nenhum.

Deixou-se ficar tão imóvel quanto possível e, enquanto soprava nuvens irregulares de fôlego, o tempo começou a abrandar e depois a transformar-se. Por um momento ficou confuso quanto ao que o

deixara naquele estado de bicho-na-berma-da-estrada. O acidente que provocara?

Ou... a Guarda de Honra antes dos ataques?

Seria aquela posição no asfalto uma recordação do passado ou algo que estava mesmo a acontecer?

Felizmente, tentar identificar a realidade deu ao cérebro algo que fazer, que não continuar a matraquear ordens para se mexer. O lado negativo era que a recordação da noite em que a família o deserdara era mais dolorosa do que tudo o que sentia naquele momento no corpo.

Cristo, era tudo tão nítido, o *doggen* a levar-lhe os documentos oficiais e a exigir algum sangue para um ritual de purificação. Ele próprio a pôr o saco de lona ao ombro e a sair daquela casa pela última vez. A estrada à frente dele, uma extensão vazia e escura...

Aquela estrada. Apercebeu-se de que era aquela a estrada por onde seguira. Ou... por onde estava a seguir... qualquer coisa. Quando saíra de casa dos pais pretendera seguir para oeste, onde ouvira dizer que havia um clã de párias como ele. Em vez disso, tinham-lhe aparecido quatro machos encapuzados que o mataram à pancada – literalmente. Chegara às portas do Vápido, e aí vira um futuro em que não acreditara... até que acontecera. Estava a acontecer – naquele momento. Com Layla...

Ah, olha, John estava a falar com ele.

As mãos do tipo agitavam-se à frente dos seus olhos, e Qhuinn pretendia responder com alguma atualização do seu estado...

– Isto é verdade? – resmungou.

John pareceu momentaneamente confuso.

Tinha de ser real, pensou Qhuinn. Porque a Guarda de Honra fora ter com ele no verão e o ar que estava a respirar naquele momento era frio.

Estás bem? articulou John com a boca enquanto gesticulava.

Qhuinn apoiou a mão no terreno coberto de neve e empurrou com tanta força quanto possível. Não tendo conseguido mexer-se mais do que um centímetro ou dois, deixou que isso respondesse por ele... e perdeu a porra dos sentidos.